

DELFIN SANTOS — INTRODUÇÃO À VIDA E À OBRA*

António QUADROS

Universidade Católica Portuguesa — Lisboa

A Manuela Pinto dos Santos

No encerramento das comemorações do 80º aniversário do pensador, realizadas na Escola Preparatória e Secundária Prof. Delfim Santos, em Lisboa.

Sra.ª Representante da Assembleia da República, Srs. Representantes dos Ministérios da Educação e da Juventude, Sra. D. Manuela Pinto dos Santos, Sr. Presidente do Conselho Directivo, Srs. Professores, Minhas Senhoras e Meus Senhores:

I

Conheci Delfim dos Santos em 1943, logo no meu 1º ano da Faculdade de Letras, Curso de Ciências Histórico-Filosóficas. Antes estivera um ano na Faculdade de Direito, Curso que o meu Pai frequentara e que desejava ver-me seguir. Mas, confesso, não me interessei minimamente pelos estudos jurídicos. Como fizera admissão às duas Faculdades, foi-me fácil o ingresso, no ano seguinte, no velho casarão, antigo convento, que a Faculdade de Letras partilhava então com a Academia de Ciências, na rua do mesmo nome.

Julgo não exagerar, se vos disser que o encontro com Delfim Santos foi desde logo para mim decisivo. Meu professor do 1º Ano em História da Filosofia Antiga, introduziu-me pois, a mim e a uma trintena de colegas no mundo fascinante das ideias, no pensamento dos mestres helénicos, Zenão, Heraclito, Parménides, os Sofistas, Sócrates, Platão ou Aristóteles.

Delfim cultivava o método didáctico da ironia, no sentido de provocar o aluno através de um diálogo sorridente, mas perturbante. Como

(*) Conferência proferida pelo autor na Escola Secundária Prof. Delfim Santos a 06-11-87 por ocasião do 80º aniversário de Delfim Santos.

professor, era extraordinariamente preciso, minucioso, afável embora sempre um pouco distante. Tal ironia desde logo me pareceu um modo de nos estimular, abanando-o nas nossas certezas, nas nossas convicções, na nossa ignorância ou na nossa ingenuidade juvenil. Era o cultivo da dialéctica, mas de uma dialéctica com humor. Não debitava matéria, como costuma dizer-se, filosofava, filosofava conosco, obrigando-nos a reflectir, a partir das nossas insuficiências e contradições.

O seu amigo e colega da Faculdade de Letras do Porto, como ele filósofo e meu saudoso mestre José Marinho, escreveu um ensaio notável, publicado pela Fundação Gulbenkian (onde então os três trabalhávamos, eles no Serviço de Investigação Pedagógica, criado por Delfim, eu no Serviço de Bibliotecas Itinerantes, dois andares abaixo, colaborando com Branquinho da Fonseca, Domingos Monteiro e Orlando Vitorino), ensaio esse intitulado **A Filosofia: Ensino ou Iniciação?**

Aí defendida que à filosofia e ao filosofar, exigindo não só uma relação pessoal mestre-discípulo, como uma difícil caminhada ao mesmo tempo do intelecto e da psique, se acederia, não propriamente pelo ensino, no sentido usual do termo, mas por uma **iniciação**. E era o que fazia Delfim Santos: mais do que ensinar, **iniciava**, quer dizer, fazia-nos passar por **provas** por assim dizer dialécticas, que ou nos afastariam da filosofia, ou nos prenderiam para sempre, fazendo-nos tomar consciência, quer do nosso não-saber, quer do fascínio de um saber ou de uma **sageza**, como ele dizia, que só poderíamos atingir pouco a pouco, por degraus, tanto pelo nosso esforço intelectual como pela capacidade da nossa **anima** ou psique para vencer as nossas próprias resistências interiores, às pressões mundanas e sociais ou os **cousismos**, como dizia o seu primeiro mestre, Leonardo Coimbra, em que gostam de repousar os espíritos pouco exigentes, já que a **cousificação** do aprendido ou mesmo do pensado, constitui o maior obstáculo a um filosofar em permanente superação, que é o único filosofar autêntico.

Gostaria de recordar aqui um episódio quase anedótico, que marcaria para sempre a nossa relação de amizade, que nunca esqueci e que ele próprio se divertia às vezes a evocar.

Foi numa das primeiras aulas do Curso. Delfim Santos ia perguntando a vários alunos se eram capazes de estabelecer uma distinção nítida entre a **filosofia** e a **ciência**. As respostas dos caloiros que nós éramos saíam-nos titubantes e inseguras. A certa altura, voltou-se para mim:

— O Senhor, qual a sua opinião?

Fiquei paralizado, mudo, sem saber o que dizer.

— Fale mais alto. Olhe, venha aqui para o pé de mim.

Levantei-me e lá fui, pálido, para junto da secretária dele, enquanto Delfim Santos me fitava com um sorriso que me parecia profundamente cínico.

– Então, o que pensa do assunto?

Saíu-me então esta explicação, que pôs toda a sala a rir, mas que Delfim Santos, por incrível que pareça, tomou ou fingiu tomar a sério, dela partindo para uma sábia digressão acerca das conotações entre a metafísica e a epistemologia, um dos seus temas favoritos.

– A verdade, disse eu, mais ou menos e tanto quanto me lembro, é como o que está por detrás de uma porta fechada. A porta está fechada a sete chaves e todas as chaves se perderam. Os homens querem saber o que há do outro lado. Os que mais se esforçam por o saber são os cientistas e os filósofos...

Os cientistas atacam a porta propriamente dita. Analisam o seu material, a sua textura, os seus mecanismos. Procuram as leis físicas desse material, a sua estrutura atômica, etc. É um trabalho longo e árduo, que exige equipas dos mais variados especialistas.

Mas os filósofos...

E aqui hesitei, olhei em minha volta, fixei-me no seu olhar agudo e no seu famoso sorriso ameaçadoramente irónico.

– Fale, não tenha medo, os filósofos...

– Os filósofos, concluí num assomo de valentia, em vez de se preocuparem pelo pormenor, são os que espreitam pelo buraco da fechadura...

Gargalhada geral. Mas começou aqui a nossa amizade e foi talvez a razão (porque achou graça), da benevolência com que sempre me classificou, nessa e noutras disciplinas em que também o tive por professor.

E se na realidade, o período mais intenso da minha inclinação filosófica viria mais tarde, já nos anos 50, pelo convívio com o já recordado José Marinho e com Álvaro Ribeiro, outro antigo condiscípulo seu, devo acentuar, hoje e aqui, nesta justíssima homenagem pública, que devo antes de mais ninguém a Delfim Santos o despertar para o universo das ideias e o estímulo para começar a pensar pela minha cabeça.

Tive, na Faculdade, muitos professores nos campos da história e da filosofia, alguns dos quais nomes ilustres. De todos, só Delfim Santos considerei imediatamente como um mestre, mesmo se viemos a divergir mais tarde alguns aspectos, mesmo se o meu próprio pensamento seguiu itinerário diferente do seu. Costumava Delfim asseverar que o verdadeiro filósofo deve ser discípulo de si próprio. Não gostava, por essa razão, de se tomar ou ser tomado por mestre. Temos talvez aqui uma ligeira diferença semântica. Mestre, julgo, é não o que pretende moldar o discípulo segundo o seu sistema, método ou pensamento, mas o que o inicia a pensar no acordo com o seu ser, com a sua vocação, com a sua própria pulsão intelectual. Sob esta perspectiva, ele exerceu um autêntico magistério e

não é por acaso que algumas das mais genuínas vocações filosóficas da minha geração passaram pelas aulas de Delfim Santos, nesses já distantes anos 40; não quero deixar de lembrar aqui os meus colegas, com obras notáveis de filosofia ou de história da filosofia publicadas, Orlando Vitorino, Salette Tavares e Carlos Branco.

II

Mal sabia eu, em Outubro de 1943, ao começar as aulas na Faculdade, o árduo, mas fecundo caminho que Delfim Santos percorrera até chegar ali, ao que foi também o seu primeiro ano como Assistente, embora como Assistente-Regente, no Curso de Histórico-Filosóficas.

Nasceu no Porto a 6 de Novembro de 1907, há precisamente 80 anos, de uma família relativamente modesta, pois o seu pai era ourives. Ao morrer este em 1922, aos 15 anos, Delfim Santos teve de se dedicar à profissão, assumindo a continuidade da oficina paterna, para poder sustentar a mãe e a irmã. Trabalhou depois no comércio, ao mesmo tempo que, tardiamente, entrava para o liceu. Com a vontade férrea que o caracterizava, num só ano, em 1926 — tinha pois 19 anos — fez os exames do 2º e 5º anos, para, no ano seguinte, concluir os Cursos Complementares de Letras e de Ciências e ingressar na secção de Histórico-Filosóficas da Faculdade de Letras do Porto, onde se juntaram, em volta da poderosa personalidade de Leonardo Coimbra, um extraordinário grupo de pensadores, de historiadores, de cientistas.

Alguns anos mais tarde, em discurso comemorativo daquela Faculdade, entretanto fechada, Delfim distinguiria entre eles não só Leonardo, sobre cuja obra viria a escrever várias vezes, organizando-lhe e prefaciando-lhe as **Obras Completas** para a Tavares Martins, do Porto, mas ainda Aarão de Lacerda, Teixeira Rego, Newton de Macedo ou Luis Cardim, entre outros. E aí, perante o desejo dos seus colegas, de tudo fazerem pelo ressurgimento da Faculdade, alguns anos antes encerrada, manifestara uma opinião discordante: não, **aquela** Faculdade, a Faculdade de Leonardo, nunca mais ressurgiria, pois nunca mais seria possível reunir um tal conjunto de homens excepcionais, todos ligados ao movimento da **Renasença Portuguesa**, de que Leonardo era um dos dirigentes principais, ao lado de Teixeira de Pascoaes. Poderia criar-se **outra** Faculdade, mas a autorização burocrática por si própria não qualifica. Os factos posteriores vieram a dar-lhe razão. Hoje voltou a haver uma Faculdade de Letras no Porto; mas como está longe da Faculdade de Leonardo, uma escola de pensamento como nunca mais surgiu entre nós e onde se formaram, além de Delfim Santos, um José Marinho, um Sant'Anna Dionísio, um Agostinho da Silva, um Álvaro Ribeiro, um Augusto Saraiva, um Adolfo Casais Monteiro, etc., etc.!

Temos aqui o sinal do que é a diferença entre o verdadeiro magistério e o simples ensino. Se o professor transmite conhecimentos, informações, saberes, o mestre é antes o que contamina o fogo a uma causa que aparentemente não **rende**, não **produz**, não **enriquece** e entre nós nem sequer dá **fama** ou **nome**: a da procura da verdade e de uma sabedoria, que é mais, muito mais do que o saber. Realmente o filósofo não é o profissional de saber ou dos saberes, é o amigo da sabedoria, o amoroso ou o apaixonado da verdade.

Enquanto, no ano seguinte à sua formatura, isto é, em 1932, começava o seu estágio para professor do liceu, Delfim Santos, juntava-se a alguns antigos colegas da Faculdade, nomeadamente a Álvaro Ribeiro, a Adolfo Casais Monteiro, a Pedro Veiga — o Petrus das edições de Fernando Pessoa — e bem assim ao novelista Domingos Monteiro, para fundar o movimento da **Renovação Democrática**, que teve uma assinalável acção doutrinária e intelectual, e em edição da qual publicou o seu trabalho **Linha Geral da Nova Universidade**, muito polémico em relação à orientação oficial da Universidade portuguesa.

São por exemplo ainda hoje muito oportunas algumas das declarações que em Novembro de 1932, há precisamente 50 anos, fez ao **Diário da Noite**, de Lisboa, dizendo que a **Democracia não é o regime da igualdade, mas da liberdade na diversidade**, que todos os homens devem ter **igualmente a liberdade de serem desiguais, que o problema político português não poderá ser solucionado pela repetição de fórmulas muito retóricas, mas muitíssimo impróprias da tradição democrática da política portuguesa** ou que as **soluções políticas são funções da cultura e não de manifestações de oportunismo, sem visão esclarecida e sem interesses espirituais radicalmente profundos**.¹

Delfim Santos começou então — actividade que manterá até ao fim da sua vida — a escrever avulsamente em vários jornais e revistas —, até que, como bolsheiro da Junta de Educação Nacional, ele que fora sempre aluno brilhante da Faculdade e que, além das disciplinas do seu Curso, estudara também Filologia Clássica e Matemática, partiu para um estágio de 2 anos em Viena, Berlim, Londres e Cambridge.

Estudou então com grandes personalidades da Escola neopositivista de Viena, assistiu a Cursos de Mestres como Hussarl, Heisenberg, Piaget, Frobenius ou Klages, frequentou as aulas de Hartmann e de Spranger, e bem assim, já na Inglaterra, de McMurray ou Moore.

Um pouco mais tarde leitor na Universidade de Berlim, de 1937 a 1942, tendo-se doutorado na Universidade de Coimbra em 1940, foi discípulo de Hartmann e, em Friburgo, aproximou-se de Heidegger e do seu pensamento, que o marcaria profundamente.

Uma vez regressado definitivamente a Portugal em 1942, entrou para a Faculdade de Letras de Lisboa, não como poderia pensar-se na

seção de Filosofia, mas na de Ciências Pedagógica, onde, durante muitos anos, seria o único catedrático de Pedagogia.

Foi uma mágoa que sobre ele pesou sempre, mágoa secreta, pois nunca foi dado a manifestações exteriores, apresentando sempre o perfil de um grande senhor, sereno e seguro nas suas convicções, mas mágoa apesar de tudo, a de nunca ter sido catedrático na área em que era caso singular no ambiente universitário português, a da Filosofia propriamente dita.

Decerto, foi relevante o seu trabalho no campo da filosofia da educação, tendo publicado numerosos estudos e ensaios sobre tal tema, a começar pela notável **Fundamentação Existencial da Pedagogia**, publicada em 1946. Mas ele era sem dúvida alguma o professor em Portugal mais informado e actualizado, no que respeita ao pensamento moderno norte-europeu, tendo como vimos estudado com Klages, Hartmann ou Husserl, e tendo contactado com as grandes figuras da filosofia do seu tempo, desde Bergson a Heidegger, além de que conhecia como poucos o pensamento português.

É que o Curso de Histórico-Filosóficas da Faculdade de Letras de Lisboa era uma escola excessivamente marcada pelo positivismo comtiano e pelo predomínio do Prof. Matos Romão que, no concurso para catedrático de filosofia, muitos anos antes realizado, e segundo a tradição positivista da casa, fora escolhido em vez de Leonardo Coimbra e de António Sardinha, que também tinham concorrido.

Daí que — e lembro-me bem da atmosfera da época — um antigo discípulo de Leonardo, e ainda por cima um adepto das novas correntes, como a fenomenologia husserliana ou a filosofia heideggeriana da existência, fosse olhado com suspeição e se lhe multiplicassem os obstáculos no caminho para a cátedra de filosofia.

Intensa foi a actividade de Delfim Santos nesses 24 anos da sua vida em Lisboa, onde se instalou e onde casou e constituiu família.

Para além das aulas na Faculdade, foi Director do Instituto Pedagógico Adolfo Coelho e dos Serviços de Investigação Pedagógica da Fundação Gulbenkian, que fundou em 1963.

Conhecido e admirado em todo o mundo, participou nos mais importantes Congressos de Filosofia que se realizaram nesse período: em 1937, em Paris, o Congresso Descartes e o Congresso para a Unidade das Ciências; em 1941, em Koenigsberg, as comemorações de Kant; na Alemanha, em 1948, o II Congresso de Filosofia; e ainda, para não me alongar, nos subsequentes sucessivos Congressos Internacionais de Filosofia na Holanda, na Argentina, no Brasil, na Suíça, em Lisboa, etc.

Académico desde 1960, Vice-Presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores, doutorado **honoris causa** por diversas Universidades

estrangeiras, foi contudo, como não podia deixar de ser, no capítulo do pensamento filosófico puro, através de uma bibliografia vastíssima, constituída por livros de fundo e por centenas de ensaios e de artigos dispersos em publicações várias, que Delfim Santos deixou um essencial contributo para o pensamento português e para o seu futuro.

Reunidos todos os seus trabalhos nas **Obras Completas**, em 3 grossos volumes, publicados pela Fundação Calouste Gulbenkian sob a orientação de Joel Serrão e de Rui Grácio, com o apoio de José Marinho, Jacinto do Prado Coelho, Alberto Ferreira ou Barahona Fernandes, entre outros, é hoje possível ter uma ideia do que foi a sua incansável actividade como filósofo e como escritor.

Não é a altura para realizar um exigente estudo interpretativo sobre a obra de Delfim Santos. Os apontamentos que em seguida apresentarei não constituem outra coisa senão uma chamada de atenção e um sinal de quanto lhe devo como um dos seus mais antigos discípulos.

III

Como atrás sublinhei, o magistério de Leonardo Coimbra, baseado não só no fôgo contagiante da sua oratória entusiástica, na força e na originalidade de um sistema de pensamento próprio e original, o criacionismo, ou na sua cultura prodigiosa em domínios como a filosofia, a matemática, a física, a literatura, as ciências humanas, mas também na forma como convivia fora das aulas com os seus melhores alunos, ao modo dos pensadores gregos, — despertou algumas excepcionais vocações filosóficas.

De entre os seus discípulos neste campo, foram sobretudo Augusto Saraiva, José Marinho, Álvaro Ribeiro, Sant'Anna Dionisio e Delfim Santos, que nos deixaram uma herança de pensamento, muito longe ainda de devidamente estudada e analisada.

Da "**Teoria do Ser e da Verdade**", de Marinho e de a "**A Razão Animada**", de Álvaro Ribeiro até às "**Reflexões sobre o Homem**", de Saraiva, aos "**Pensamentos**" e às obras de exegese filosófica, de Sant'Anna Dionisio e às perspectivas epistemológicas, ontológicas, existenciais, de Delfim Santos, que de riqueza de ideias ainda por explorar!

Aqueles que mais profunda e persistentemente elaboraram um "corpus" coerente de ideias, Marinho, Álvaro e Delfim, seguiram caminhos bem diferentes. O primeiro veio a desenvolver um verdadeiro sistema ontológico e fenomenológico, na citada "**Teoria do Ser e da Verdade**", em que o pensamento se aduna a um diálogo com o transcendente, uma abertura, como ele dizia, pneumatológica, senão mística, nas suas concepções da **visão unívoca** e de Deus como **Insubstancial Substante**. O segundo privi-

legiou a antropologia, na sua relação com a teologia, desenvolvendo um racionalismo dinamizante, de signo aristotélico, a concepção da filosofia como uma arte, o conceito do homem como uma razão animada ou uma teoria do conhecimento em que o sófico-racional é alimentado por um gnósico plurifacetado e por um pístico-teológico, por seu turno sempre conferidos pela exigência de uma razão analítica, sintética e teleológica.

Ambos postularam culturalmente a existência de uma filosofia portuguesa, baseando-se na relação intrínseca e vinculativa do pensamento, universal nos seus fins, mas situado nos seus meios, à língua que o veicula ou molda e à estrutura cultural que lhe dá raízes e em cujo campo se desenvolve.

IV

E quanto a Delfim Santos?

Delfim Santos é a nosso ver o protagonista de um diálogo fecundo, diálogo do pensamento português com a filosofia alemã, do que vieram a resultar uma crítica e uma fundamentação teóricas de grande qualidade, estimulantes em aspectos essenciais para a nossa cultura ou para a nossa criatividade filosófica.

É curioso observar que os primeiros escritos de Delfim Santos, era ainda estudante universitário e nos primeiros anos da sua formatura, isto é, entre 1929 e 1932, foram de natureza espiritualista e cristã, numa linha de pensamento protestante e evangélica, tendo sido publicados, quase todos, na revista portuense, ligada à Igreja Evangélica, intitulada precisamente **Portugal Evangélico**.

Dadas as tradicionais relações da teologia reformada ou protestante com algumas das facetas mais características do pensamento germânico, em geral voluntarista e imamentista, não é para admirar que ao contrário da tendência habitual da cultura portuguesa para privilegiar o diálogo com a cultura francesa, Delfim Santos antes tenha escolhido o estágio em centros de estudos predominantemente austriacos e alemães.

Também no país nosso vizinho um notável pensador, Ortega y Gasset, preferiu os estudos alemães aos estudos franceses.

Entre nós tivemos, é certo, o exemplo de Antero de Quental, que no entanto foi mais um pensador inspirado pela influência de algumas linhas da filosofia germânica, do que um sólido conhecedor e exageta, como Delfim Santos, estudando as obras na sua língua original e tomando contacto pessoal com notáveis mestres da filosofia alemã do seu tempo, no período particularmente criativo em que alguns deles, como Husserl, Jaspers e Heidegger, criticavam e punham em causa os próprios fundamentos do racionalismo idealista que tanto apaixonara Antero.

O ambiente mental português, sobretudo depois da reforma educativa de 1911, fora como já ao de leve apontei, excessivamente marcado pelo positivismo francês, ao modo de Augusto Comte e de Littré, divulgando-se uma vulgata positivista, que julgava encontrar na Idade Positiva ou Científica em que teríamos entrado depois da Idade Teológica e da Idade Metafísica, todas as respostas para as grandes interrogações humanas. Contra esta perspectiva simplificadora e reducionista, que atribuía às ciências particulares uma função totalizante para que não podiam estar vocacionadas, ao mesmo tempo que punha de lado com excessiva facilidade os contributos metafísicos, ontológicos ou mesmo teológicos, se dirigira a crítica acerada de Sampaio Bruno e de Leonardo Coimbra. Esta questão foi estudada exaustivamente num dos primeiros livros de Álvaro Ribeiro, “Os Positivistas”.

Nos nossos escritores de ideias da época, com as excepções de Teófilo Braga e de Teixeira Bastos, o positivismo fora muito mais uma ideologia de combate, fomentada pela propaganda republicana e anti-clerical nos ambientes lisboetas dos últimos anos da Monarquia e dos primeiros da República, de que uma séria reflexão filosófica que pudesse fundamentar devidamente o desenvolvimento entre nós dos estudos científicos. Neste ponto, entre nós, só Leonardo, sensivelmente entre 1912 e 1930, viria a abrir as primeiras pistas importantes, principalmente em **Criacionismo** (Livro I), **O Pensamento Criacionista**, **A Razão Experimental** ou **Notas sobre a Abstracção Científica e o Silogismo**.

Em contacto com os neopositivistas da Escola de Viena, foi possível a Delfim Santos rever a fundo toda esta problemática e deste modo nasceu a sua primeira obra de fôlego, de 1938, intitulada **Situação Valorativa do Positivismo**. É um clássico do pensamento português e permanece um dos seus melhores trabalhos, sólido na sua sistematização, na sua argumentação, na sua crítica e na metodologia utilizada.

Se nos lembrarmos de que **positivismo** era até então entre nos quase um sinónimo de **comtismo**, teremos de concluir que o título, parecendo enganoso, é subtilmente intencional, já que se trata de reconsiderar o ponto de partida epistemológico do positivismo, sim, mais precisamente para desligando-o da visão de Augusto Comte, dele salvar a valorizar o que poderia ser salvo ou valorizado. Tal o propósito dos pensadores das Escolas de Viena, de Berlim e de Cambridge, desde Schlick, Reichenbach ou Wittgenstein, até Bertrand Russell ou Witehead.

Aliás, o primeiro título da obra era **Situação Valorativa do Neopositivismo**, que parece mais correcto em relação com o seu conteúdo, pois da filosofia da ciência sob as novas perspectivas neopositivistas efectivamente se trata, mas o seu autor tê-lo-á modificado tendo em atenção porventura a situação cultural portuguesa e a necessidade de abalar o nosso

positivismo clássico, extrapolando-o para horizontes não completamente antagónicos, mas tão diferentes, que o fariam vacilar nos seus pressupostos ingénuos e ao mesmo tempo canalizar aqueles dos seus pressupostos porventura ainda capazes de uma revitalização, para a esfera epistemológica de onde nunca deveriam ter saído.

O livro é uma revelação, que desde logo coloca Delfim Santos na primeira linha do pensamento português e europeu, tal a cultura filosófica de que dá mostra e tal a facilidade e a precisão com que o autor aborda a problemática filosófica-científica. Passaram quase 50 anos, uma lacuna fundamental ficou com ele em grande parte preenchida, foi possível solidificar entre nós a ponte entre a investigação científica e a sua fundamentação epistemológica, mas quantos dos nossos investigadores ou cientistas o estudaram? É um erro flagrante, imaginar-se que a ciência é possível, aí onde não parta de uma reflexão filosófica, aí onde a epistemologia não a obra a um horizonte metafísico. Neste sentido, **A Razão Experimental ou Situação Valorativa do Positivismo** deveriam ser obras de estudo obrigatório nas nossas Faculdades de Ciências, que mais depressa preparam professores ou técnicos, do que verdadeiramente cientistas, precisamente por falta de formação filosófica e epistemológica adequada.

O que Delfim finalmente procura e consegue no seu livro é de algum modo criticar, com os neopositivistas, o que chama a **intromissão abusiva do pensamento na realidade e a sua vanglória na afirmação de que as criações do pensamento correspondem identicamente aos objectos do mundo real por ele pensados**², para ao mesmo tempo sugerir uma convergência possível entre o idealismo e o realismo ou mesmo entre a metafísica e a ciência positiva.

Escreve, efectivamente, **que uma das mais importantes consequências o neopositivismo é mostrar que o idealismo nos fornece demasiado muito e o realismo nos fornece demasiado pouco para a integral compreensão do universo, mas que o demasiado pouco que o realismo nos oferece nos dá talvez uma melhor possibilidade de melhor situação perante a realidade do que a que nos permite a riqueza fácil do idealismo.**

A seu ver, **pensar não é desenvolver uma ideia até aos seus possíveis limites nem conformar a realidade a determinado "ponto de vista". O primeiro trabalho que se lhe oferece é a "determinação da realidade" a que as suas ideias pretendem referir-se.**

Ele acrescenta: **Sem este preliminar, a metafísica perde o contacto com o que mais lhe importa e será então mais ou menos aquilo que o positivismo lhe chama.** Note-se, o que Delfim Santos defende não é, como no positivismo comtiano, a eliminação da metafísica, vista como um voo nebuloso do espírito para paragens irreais, mas a conotação do pensamento metafísico com a realidade sensível e com o seu estudo pelo método científico.

Então, e é a palavra conclusiva do ensaio, a metafísica deixará de merecer, pelo menos em muitos casos, o desdém dos pensadores da esfera científica e neopositivista.

Da epistemologia, de novo para a metafísica: fica pois aberto, no termo do primeiro livro de Delfim Santos, o itinerário que ele irá seguidamente percorrer. Na verdade, são numerosos os textos em que, criticando ainda mais claramente o positivismo comtiano, Delfim Santos coloca a metafísica como o estádio mais alto na actividade mental orientada para o conhecimento e para a procura da verdade.

V

Assim é que, logo no ano seguinte, 1939, o pensador conclui, ainda durante a sua estadia em Berlim, o pequeno, mas denso livro, central na sua obra, intitulado **Da Filosofia**.

Deveria ser o primeiro volume de uma trilogia que, após "**Da Filosofia**", integraria seguidamente outros dois volumes com os títulos, respectivamente, de **Do Homem** e **Da Metafísica**.

Este programa não chegou a ser realizado na íntegra, devido ao desaparecimento prematuro do Prof. Delfim Santos em 1966, mas os organizadores das **Obras Completas** preencheram em parte a lacuna, não só reunindo sob a epígrafe precisamente de **Da Filosofia** numerosos ensaios dispersos ou inéditos que completam o livro com este título, como também juntando sob o título de **Do Homem** um núcleo não menos numeroso de textos sobre antropologia, psicologia e pedagogia, e enfim concluindo-se com o capítulo **Da Cultura**, onde se podem ler os muitos escritos dedicados pelo pensador a temas literários, sociais, históricos, etc.

Poderia parcer à primeira vista que falta neste conjunto o que seria o fecho da abóboda, isto é, senão um livro, pelo menos um capítulo votado ao tema **Da Metafísica**; o estudioso e exegeta encontrará, no entanto, esparsos ao longo destas **Obras Completas**, bastantes ensaios fundamentais, onde se nos formula o que era ou para onde apontava o pensamento metafísico, de signo fenomenológico-existencial, de Delfim Santos.

Para este, como o sublinha desde logo na **Introdução** do livro **Da Filosofia**, há que distinguir entre **filosofia** e **metafísica**.

O que é próprio da filosofia e do filosofar, actividade mental genérica, de certo modo **anterior** a toda a direcção tomada, é antes de mais nada **buscar novos e rícgrosos fundamentos a todo o saber humano**³, de um modo espontâneo, fresco, ou melhor, nas suas próprias palavras, como uma actividade **não predeterminada por qualquer visão unilateral de um objecto**⁴.

O que o filósofo observa é que não há adequação entre o pensamento e a realidade. Porquê? Trata-se de uma **radical inadequação** ou de uma **má posição do pensamento relativamente à realidade**?⁵ Na sua busca filosófica, o pensamento encontra, como obstáculos, diversas contradições ou antes aporias, tais as aporias do uno e do múltiplo, da essência da existência, do ser e do nada, etc.

Se é **“o ser enquanto ser”** que interessa à filosofia, como diz, então **o primeiro caminho que se oferecer ao filósofo para evitar esta dificuldade**, escreve mais adiante, **é tentar a determinação ontológica da realidade e, a seguir, assegurar a cada uma das suas regiões o tipo de conhecimento essencial que a pode penetrar**⁶.

Trata-se, e aqui se inspira na fenomenologia husserliana, de num primeiro momento **decompor a realidade** e indicar **a extensão regional de cada uma das camadas** que a compoem, e de num segundo momento, procurar **as categorias adequadas ao conhecimento de cada uma destas regiões**.

O método fenomenológico utilizado não nega a unidade do real, mas **determina a sua diversidade, que não pode ser integralmente traduzida por um mesmo que se supõe elemento primeiro**.

Delfim Santos afirma pois, em **Da Filosofia**, uma exigência de rigor, muito do seu carácter, exigência que se ampliará noutro ensaio do mesmo ano, a que chamou **Das Regiões da Realidade**. Sem esta exigência de rigor, pensava, é fácil cair-se na tentação do formular sistemas ou menismos que não tomam em devida consideração a fenomenologia autêntica de uma realidade inapreensível pelo senso comum ou pelos excessos contrários ou contrapolares do naturalismo e do espiritualismo absolutos, um e outro pecando por não considerar a posição adversa. **Da Filosofia** é pois um esforço para a síntese ou para a transcensão das aporias do pensamento, esforço que se irá desenvolver num dos seus trabalhos mais importantes, de 1940, a dissertação de doutoramento, intitulada **Conhecimento e Realidade**.

No prefácio de **Da Filosofia**, Delfim Santos situava ontologicamente, isto, é no plano do ser os **sistemas do conhecimento** e as **regiões da realidade a que se ligam**.

E delimitava-as: **matéria, vida, consciência e espírito**. O estudo da sua fenomenologia sistematiza-se nas ciências ou saberes respectivos. A fenomenologia da matéria é estudada **pela física e ciências afins**; a da vida pela **biologia e ciências similares**; a da **consciência** pela **psicologia**; e a do **espírito** pela **metafísica**. Esta, sublinha, tem como objecto a **fenomenologia do espírito**, aliás o título de uma das obras fundamentais de Hegel.

VI

O trânsito das ciências particulares e da filosofia das ciências ou da epistemologia para a metafísica não pode prescindir no entanto, e é o tema central do livro **Conhecimento e Realidade**, de uma teoria do conhecimento.

Como escreve neste texto, a **busca dos fundamentos últimos do saber é a temática constante da filosofia**, mas **saber é um produto do conhecimento**, e **conhecimento uma das possíveis "relações entre saber e algo diferente"**⁷, o que implica, acrescenta, **uma relação entre diversos**.

A seu ver, o movimento mental para o conhecimento deve partir do que chama **um mínimo gnoseológico**. Gnoseologia é entendida pelo pensador como a teoria ou a ciência do conhecimento, e o conhecimento é uma **relação entre heterogêneos na qual, e sempre, um deles é a consciência**⁸.

Se o objecto do conhecimento, a verdade, é alcançável, num determinado nível (o das regiões particulares da realidade) pelas ciências, noutro nível (o geral ou o universal) são a ontologia e a metafísica que o podem aproximar.

Em qualquer dos casos, porém, o primeiro passo é o gnoseológico, porque, assevera, **a situação natural do homem é sempre gnoseológica**, já que **antes mesmo de poder concluir a existência da sua consciência**, o homem **tem de realizar um esforço de conhecimento**, e **antes de compreender a relação entre a sua consciência e a realidade terá igualmente de realizar um esforço de conhecimento**⁹.

No final desta sua tese de doutoramento, Delfim Santos exprime o carácter prudente, cauteloso, seguro, não-aventuroso da sua atitude intelectual. O pensamento deve desprezar **os máximos que nada garantem**, o que é uma crítica implícita à ambição excessiva dos grandes sistemas idealistas ou positivistas, desde Kant ou Hegel até Augusto Comte, firmando-se antes em **mínimos de garantia**, como diz, a começar pelo "mínimo gnoseológico", isto é, **o mínimo fundamental de que os outros são dependentes**.

O mínimo gnoseológico é primário em relação ao "mínimo ontológico" e ao "mínimo metafísico". Mas este **mínimo gnoseológico**, princípio sólido do conhecimento, tem como função imediata, escreve, o **mínimo axiológico**, conotando pois o filósofo a **teoria do conhecimento com a teoria dos valores**.

É esta, distinguindo entre **valor e existência**, que nos permite (e assim conclui Delfim a sua tese) **o estabelecimento duma axiomática valorativa a que deverá referir-se todo o complexo cultural**. Em síntese, e servindo-me mais uma vez das próprias palavras do pensador, a filosofia

afirma-se por uma leitura sistemática da realidade pelo pensamento, devendo este percorrer os seguintes estádios, aliás interdependentes e não obedecendo propriamente a uma cronologia: **gnoseologia, ontologia, metafísica, axiologia**. Ou por outras palavras, sem uma teoria do conhecimento o filósofo não poderia aceder a uma teoria do ser e a uma filosofia da substância ou do espírito, mas é a axiologia, a teoria do valor ou dos valores que confere uma direção ou um método selectivo ao movimento mental do filósofo.

VII

Não é de forma alguma possível, numa exposição que se pretenderia breve e sintética, percorrer de cabo a cabo a obra de um pensador tão fecundo e rico de perspectivas como Delfim Santos.

Se como veremos, depois de **Situação valorativa do Positivismo, Da Filosofia e Conhecimento e Realidade**, ele se foi aproximando cada vez mais de uma ontologia existencial, colhendo e desenvolvendo sugestões de Hartmann, de Husserl e nos últimos anos sobretudo de Heidegger, não posso deixar de referenciar o que foi o seu notabilíssimo trabalho de interpretação, exposição e apresentação ao público português culto, da obra dos maiores filósofos do seu tempo, lançando pois uma ponte entre a cultura portuguesa e as grandes linhas do pensamento europeu.

Logo em 1930, quando da sua vinda a Portugal para completar a **Análise Espectral da Europa** com um capítulo sobre o nosso país, expôs o pensamento de Hermann de Keyserling na revista portuense **Princípio**; em 1935 procurou em Paris Bergson, recentemente laureado com o Prémio Nobel, dando-nos três anos depois, com não disfarçada simpatia, o relato da sua longa conversa com ele na revista **Luminar**; depois de 1943 escreveu e publicou em boletins, revistas ou até em jornais diversos, sucessivos ensaios entre outros sobre Descartes, S. Tomás de Aquino, Nicolai Hartmann, P. W. Bridgman (que acabara de conquistar o Prémio Nobel da Física), Vladimir Jankélévitch, Nicolau Berdiaeff, Francisco Suarez, Giordano Bruno, Berkeley, Pascal, Husserl, Karl Jaspers, Georges Gusdorff, Pestalozzi, Ortega y Gasset, Hermann Hesse ou, repetidamente, Martin Heidegger.

Igualmente estudou a obra dos principais pensadores portugueses, nomeadamente Silvestre Pinheiro Ferreira, Oliveira Martins, Sampaio Bruno, Leonardo Coimbra, Vieira de Almeida ou Fidelino de Figueiredo.

Em 1946, apresentou no volume colectivo **Portugal**, uma síntese histórica, sucinta e com objectivos de divulgação para uma vasta audiência, que intitulou **O Pensamento Filosófico em Portugal**. Nesse trabalho

esboçou como que o retrato mental a traços largos, de 21 pensadores que considerou os mais importantes entre nós, desde Pedro Julião ou Pedro Hispano, que viria a ser o malogrado Papa João XXI até Leonardo Coimbra, passando por D. Duarte, Leão Hebreu, Francisco Sanches, Pedro da Fonseca, Amorim Viana, Cunha Seixas, Antero de Quental, Bruno ou Ferreira Deudado, entre os principais.

Na conclusão deste trabalho apontou o que considerou os núdulos fundamentais do pensamento português: uma atitude ambivalente, entre a **metódica de uma razão que só admite o sensível como seu alimento até, no polo oposto, um pensamento de tipo metafísico de irrefragável coloração espiritualista**. E no centro, entre estas duas atitudes, essa longa série de aristotélicos, não só a mais numerosa, mas talvez a mais bem representada, já que **Aristóteles é o pensador sempre presente em todos os momentos da especulação nacional**¹⁰.

Acrescentemos que, filósofo e erudito, Delfim Santos, escreveu regularmente em jornais de grande circulação, abordando os mais variados temas, desde os propriamente especulativos, aos culturais ou mesmo aparentemente mundanos. Neste ponto, fazia-nos lembrar Ortega y Gasset, na vizinha Espanha, que sobre tudo pensava porque tudo é objecto de pensamento, já que o superficial tem sempre um dentro e um além, que importa meditar. Vimos assim Delfim escrever sobre a democracia, a moda, a crença, o símbolo, a discussão, a decadência, a palavra, o mito, a escola, a criança, os exames, a crítica, a paz, a aldeia, a estupidez, a ironia, a angústia, etc. Não desdenhou mesmo comentar fimes, como o **Filho Pródigo, A Balada de Berlim, Umberto D., A Dança da Morte, O Terceiro Homem** ou **Aldeia Branca**. Fazia-o afinal com o sentido pedagógico que imprimiu sempre a todos os actos da sua vida.

VIII

Entretanto, foi Delfim Santos pensando e expondo a sua filosofia existencial de signo heideggeriano, quer em textos publicados, como **Temática Existencial, Sentido Existencial de Angústia** ou **Filosofia como Ontologia Fundamental**, quer em textos inéditos em sua vida que constituíam talvez fragmentos de uma obra em elaboração, como os intitulados **Filosofia Existencial, Metafísica e Positivismo** ou **Heidegger** reunidos também nas **Obras Completas**.

Nesta ordem de ideias, Delfim Santos, vem a corrigir algumas das conclusões expostas em **Conhecimento e Realidade**, em especial no que respeita ao primado da gnoseologia.

Realmente, na lição de Heidegger, Delfim Santos veio a afirmar que o pensamento não tem possibilidade de abarcar ou de conhecer, por-

quanto é, ele próprio, um modo de ser. Se pois o pensamento, **em vez de contrário ao ser, é ainda um modo desse mesmo ser que pretende desvandar, isso significa que o pensamento pressupõe e está contido no ser**¹¹. É uma perspectiva antagónica à de Kant, dos neo-Kantistas e dos idealistas em geral, os quais inverteram a relação, considerando o ser como derivado do pensamento e portanto como problema derivado do problema do conhecimento.¹²

Mas, muito pelo contrário, se o pensamento é um modo de ser parcial, acentua Delfim Santos, não se encontra em condições de por si estabelecer uma correlação com todo o ser. Por outras palavras, o pensamento é um modo insuficiente de ser na compreensão do ser total ou ainda o pensamento como modo de ser não é senão conhecimento parcial do ser, o que vale tanto para a filosofia das ciências ou epistemologia (que não dispensa a mediação do pensamento, mesmo no seu experimentalismo) como para a metafísica (ao projectar o voo do espírito para regiões outras que o sensível).

O empirismo científico não logra pois atingir ôntico ou o ser não penetrado do pensamento, uma vez que o ôntico só poderia existir antes de qualquer experiência de pensamento sobre as coisas.

Daí a diferença entre o ôntico, inapreensível na realidade, e o ontológico, isto é, o saber dos homens sobre o ser, que só lhe é dado como sendo, isto é, como devir do ser, no qual todos os seres e o próprio homem estão implicados.

É no homem que o problema do ser toma sentido filosófico e por este motivo Heidegger, na busca do ser do sendo escolhe o homem como ponto de partida¹³.

Porquê? Porque só o homem tem verdadeiramente existência, já que existir significa manifestar um dentro para fora e já que, diz citando Fernando Pessoa, as coisas não têm dentro.

Enquanto o modo de ser das coisas (uma pedra, um cão, por exemplo) não é existência, mas resistência, só o homem tem modos de existência e é desses modos de existência, é dos modos humanos de estar-no-mundo, que é possível partir-se na demanda ontológica para o ser, através do sendo.

A filosofia existencial não escolhe como nível de partida o problema do conhecimento, mas outros mais fundos que orientam o conhecimento humano e que são próprios do homem e não das coisas e dos animais, como por exemplo a compreensão ou ainda sentimentos com carga metafísica como por exemplo o aborrecimento, a melancolia ou sobretudo a angústia, já antes considerada e estudada por Kierkegaard, mas a que Heidegger e os seus seguidores vieram a dar particular relevo. É também assinalável o valor cognitivo que o pensador atribuíu à crença,

dando-nos a sugestão, num pequeno texto, de uma via que não chegou a desenvolver como sem dúvida quererá. A seu ver, neste texto, **o pensamento e a crença são domínios que não se aniquilam, mas se completam, pois — pensamento radica na crença.** Aliás, não sendo possível a demonstração racional da existência do mundo ou mesmo da existência dos outros, **é de crença se o homem necessita e mais ainda hoje que ontem; crença que o vitalize e lhe move a esperança em si e nos outros. Aqui ter-se-á aproximado** pois da noção jasperiana — filosófica¹⁴.

Outros pensadores, diga-se de passagem, privilegiaram diferentes tipos de sentimento, conferindo-lhes conotações vitalistas ou existencialistas de signo metafísico. É o caso antes de todos de Leonardo Coimbra, nomeadamente em **A Alegria, a Dor e a Graça**, e por isso Delfim Santos o considerou **um representante e um precursor do pensamento cristão existencial**¹⁵, é o caso de Gabriel Marcel, existencialista cristão, com o seu ênfase no sentimento da **esperança**, Marcel que exerceu marcada influência em alguns pensadores portugueses, como Pedro de Moura e Sá, Sallette Tavares ou Carlos Branco; é o caso de Karl Jaspers, desenvolvendo a sua filosofia existencial em volta do sentimento ou da cifra do **fracasso**; e é o caso dos filósofos portugueses e galegos da **saudade**, tendo Teixeira de Pascoaes ou Rosalia de Castro como percussores, desde António Dias de Magalhães e Afonso Botelho até Ramon Piñeiro, Elias de Tejada ou Xesus Alonso Montero.

Em todos estes casos, e sob esta perspectiva fenomenológico existencial, **se o ser é o que determina o sendo como sendo, e se o ser do sendo não é já sendo, é algo que o transcende**, então o ser do homem, manifesto na sua existência, é **transcendência**. E Delfim Santos conclui a sua exposição sobre **Filosofia Existencial** escrevendo: **A preferência do ser do homem, como existência, leva Heidegger a considerar a filosofia como analítica da existência, e o fundamento da metafísica não é pois teoria do conhecimento, mas sim teoria do ser, isto é, do ser do homem**¹⁶.

Noutro texto, dedicado a Heidegger, Delfim Santos explica-nos o valor ontológico da angústia. Esta **não se determina em função de um aqui e agora**¹⁷; o motivo da angústia é o **próprio facto de estar-no-mundo: é o estar-no-mundo que angustia o homem e o reverte ao seu próprio ser**. Mais explicitamente, escreve: **a angústia traz o homem do mundo das coisas em que se perdeu, ou do mundo dos outros, em que se esqueceu, para o seu próprio mundo. É uma função de deslocação do longínquo para o próximo**¹⁸.

O ser da existência, diz ainda, é a **preocupação**, e a **preocupação radica no ser para a morte que o homem é**. É esclarecedora a citação de Séneca, com que Delfim Santos encerra este seu ensaio: **“Entre as quatro naturezas existentes: terra, animal, homem e Deus, distinguem-se os dois últimos, homem e Deus, os únicos que são dotados de razão, por isto:**

Deus é imortal e o homem mortal. Um realiza a sua perfeição pelo bem, que é a sua natureza; e o outro, o homem, realiza a sua perfeição pela preocupação.¹⁹

IX

Se encontramos aqui como que uma sintonia entre o existencialismo e o estoicismo grego e romano, sintonia que Delfim Santos viveu e interiorizou ele próprio, em sua postura vital, o nosso pensador não chegou, pelos motivos apontados, a organizar, quer uma antropologia existencial, quer uma ontologia sistematizada. Como e em que sentido as formularia?

Não nos é lícito imaginá-lo, mas supomos que se encaminharia para um pensamento de base existencial, sim, mas talvez vivificado por raízes leonardinas e criacionistas de que o seu pensamento mostra traços visíveis, quer nos numerosos ensaios que dedicou a Leonardo Coimbra, quer em textos dispersos, de que destacamos os intitulados **Filosofia da Fidelidade, Aporética Criacionista, Natureza do Espírito**, etc.

Onde talvez melhor se nos revele esta direcção é no campo da pedagogia, em que o filósofo nos deixou um abundante **corpus** bibliográfico desde que, logo em 1939, publicou, nos **Cadernos de Cultura Democrata**, editados pelo movimento da **Renovação Democrática**, a que já me referi, o trabalho **Linha Geral da Nova Universidade**. Aqui refutando veementemente uma Universidade orientada, como disse, para a **defesa calculada de estática social**, preconizou uma **acção universitária** voltada para o **esforço de solidarização do homem com o homem e das pátrias com as pátrias**²⁰, uma escola de trabalho onde se fomenta, não o **peso dum saber morto, mas o espírito da iniciativa, da crítica, curiosidade e inquietação pelos problemas do espírito**²¹.

Neste primeiro tentame é visível a olho nu a influência de Leonardo Coimbra e do grupo da Faculdade de Letras do Porto, mas os seus numerosos escritos subsequentes nesta área de filosofia de educação conduzi-lo-iam pouco a pouco para uma síntese muito pessoal, produto da sua reflexão original e da sua experiência de professor e de pedagogo, mas onde sem embargo se pode rastrear, ao lado de acentuadas conotações existenciais, uma matriz aristotélico-leonardina. Tal é patente, por exemplo, no seu livro mais acabado e mais sintetizado em tal domínio, a **Fundamentação Existencial da Pedagogia**, de 1946.

Nesta obra, ao longo de quatro densos capítulos, sobre a "Pedagogia como Ciência", "Vida e Aprendizagem", "Estrutura do Comportamento" e "Finalidade da Educação", Delfim Santos conduz o leitor subtilmente a entender o **sentido antropológico ou humano da educação, distinguindo-o do âdestramento animal, com que tantas vezes se tem confundido**²².

O sujeito da educação, diz, é o “homem transiente”, o homem que se busca e se nos mostra no que é ainda inseguro e indefinido, tendendo para um nível de afirmação que se chama personalidade. O homem não é sempre o que quer ser ou o que julga ser, nem tão pouco é o que os outros pretendem que ele seja. Daí que a formação da personalidade seja um processo dramático que o pedagogo só poderá orientar positivamente respeitando o “carácter” do educando.²³

O homem, conclui, enquanto ser convivente e na sua fase escolar, é um ser refractário a todo o estaticismo das visões teóricas. É o homem em trânsito e é a sua transitividade o tema fundamental da pedagogia. Educar é favorecer a mutação do homem, a partir do seu estado incipiente de compreensão até à máxima possibilidade de que for capaz.²⁴

Aqui se espelha a lição de Aristóteles, para quem o homem é um ser em potência ou em virtualidade, que só se realiza no acto de ser homem, só se cumpre integralmente quando, encontrando-se com a sua identidade verdadeira, se perfaz ou atinge a perfeição que é possível e transporta em germe desde a sua origem.

Próximo de Leonardo Coimbra, escreve Delfim Santos noutra altura que o pedagogo só o é verdadeiramente quando, cada dia, e pelo contacto com o ambiente humano, que é o seu próprio, esteja sempre disposto a aprender, e, portanto, a por de lado o que antes tinha por seguro e certo²⁵. Não se trata em educação, e agora o pensador adopta a atitude existencial, do predominantemente adaptar o homem a qualquer coisa que lhe seja exterior, mas de o levar, a partir da sua posição radical — o estar-no-mundo — à compreensão dos valores que melhor lhe sirvam para orientação nas diferentes situações em que vier a encontrar-se.

É em função da existência, assevera, que a educação tem sentido, pois viver é ser transiente, e deixar de ser a cada momento o que plenamente ainda se não é, mas que é necessário abandonar para ser talvez o que nunca se será.

A meta da pedagogia é ajudar a criança ou o adolescente a descobrir o seu próprio ser, que é o seu modo próprio de estar-no-mundo. Trata-se afinal de uma demanda da identidade e é a partir do seu encontro consigo próprio, que o homem pode ser em plenitude, muito embora essa plenitude se lhe apresente sempre como um horizonte inatingido.

Considera por outro lado Delfim Santos que educar é possível, mas não como actividade sistematizável em seus processos²⁶. Educar é possível, mas numa relação pessoal de educador a educando, relação sempre diferente e sempre a recomeçar caso a caso.

Neste ponto, e voltamos aqui aos métodos pedagógicos do Prof. Delfim Santos, de que dei testemunho no princípio desta palestra, é fundamental a forma de estímulo característica a cada educador e que ele

deve procurar no acordo com a sua própria inclinação. Delfim Santos dá o exemplo da ironia, escrevendo: **Desde Sócrates que o valor da ironia foi posto em relevo, e parece-nos ser esta uma das coordenadas fundamentais em que todo o ensino terá de basear-se para levar aquele que aprende ao encontro de si mesmo.**²⁷

Ora o que é a ironia? Noutro texto, sobre a **História da Educação**, Delfim explicita-o: a ironia, em sentido sócrático, consiste em fazer notar ao interlocutor que a objectivação do que define é incorrecta a imprópria²⁸. Assim, acrescenta, noutro texto em que analisa o valor da ironia em Sócrates e em Kierkgaard, ela exprime a insatisfação do homem ante a realidade e é por isso o indício da libertação possível — libertação de tudo que contraria o homem e o impede de ser ele mesmo²⁹. A ironia começa por ser ironia do homem sobre si mesmo e sem ela, segundo Kierkgaard, não é possível ao homem realizar-se como personalidade, tal como a ciência não seria possível sem a dúvida³⁰. Ela destrói, mas destrói para criar, é enfim uma possibilidade poética na criação de novas imagens ao serviço da imaginação.

Já em 1961, como o ensaio **Temática da Formação Humana**, o mais importante que compôs sobre o mesmo tópico, após a **Fundamentação Existencial da Pedagogia**, Delfim Santos reforça os princípios a que permaneceria sempre fiel, ao dizer que toda a educação pressupõe uma antropologia, uma ciência do homem, pois sem conhecimento do homem, das suas possibilidades, das aptidões com que foi dotado, dos dons com que foi munido, não é possível teorizar um sistema de educação que seja válido e fecundo³¹. E reafirma que não há “homem” mas sim homens; estes não podem pois ser submetidos aos mesmo métodos de educação, sob pena de lhes ensinarem a fazer o que eles não podem fazer, criando assim pelo desajustamento entre as aptidões e as capacidades um descontentamento que não é benéfico nem para eles próprios nem para a sociedade a que pertencem. Neste sentido, a educação deverá ter uma base caracterológica, pois o carácter de cada homem é o potencial de possibilidades de que dispõe para se organizar dentro do horizonte que ao seu tipo corresponde...³²

Senhores professores, minhas senhoras e meus senhores, sei que já me alarguei muito mais do que seria para desejar, nesta exposição sobre a vida e a obra de Delfim Santos, excepcional figura de filósofo, de pedagogo, de professor e de homem bom, que evoco com admiração sempre renovada e com saudade comovida. Falei muito talvez, mas disse pouco, disse pouquíssimo, em relação a quem nos deixou uma obra tão rica e tão fecunda. Quisera ter sido mais sintético e ao mesmo tempo mais pertinente na minha exposição.

Se o não consegui, devo pelo menos agradecer o honroso convite que me foi feito, para me associar a esta justíssima homenagem ao que

foi o meu primeiro mestre de filosofar e que permanece um mestre para quantos em Portugal, hoje ou amanhã, queiram filosofar, ensinar ou reflectir sobre os problemas do homem, da existência, da cultura ou da educação. Muito obrigado.

NOTAS

- (1) **Obras Completas**, Ed. Fundação Gulbenkian, Vol. I, Lisboa, 1971, pp. 27a 30.
- (2) **Obras Completas**, I, obr. cit., p. 182.
- (3) *Ibid.*, p. 224.
- (4) *Ibid.*, p. 226.
- (5) *Ibid.*, p. 265.
- (6) *Ibid.*, pp. 265 e 266.
- (7) *Ibid.*, pp. 349 e 350.
- (8) *Ibid.*, p. 350.
- (9) *Ibid.*, p. 351.
- (10) *Ibid.*, p. 454.
- (11) *Ibid.*, p. 506, do texto publicado postumamente: **Filosofia Existencial – Fragmentos**, s/data.
- (12) *Ibid.*
- (13) *Ibid.*
- (14) De **Crença, obras completas**, vol. II, p. 8.
- (15) Do Prefácio a **Criacionismo (Síntese Filosófica)**, de Leonardo Coimbra, in **Obras Completas**, Vol. II, Fundação Gulbenkian, Lisboa, 1973, p. 265.
- (16) **Obras Completas**, Vol. I, p. 507.
- (17) **Obras Completas**, Vol. II, p. 368.
- (18) *Ibid.*, pp. 368 e 369.
- (19) *Ibid.*, p. 369.
- (20) *Ibid.*, p. 389.
- (21) *Ibid.*
- (22) *Ibid.*, p. 491.
- (23) *Ibid.*
- (24) *Ibid.*, p. 499.
- (25) *Ibid.*, p. 498.
- (26) *Ibid.*
- (27) *Ibid.*
- (28) **Obras Completas**, III, 2ª ed., Lisboa, 1987, pp. 295 e 296.
- (29) *Ibid.*, p. 353.
- (30) *Ibid.*, p. 352.
- (31) *Ibid.*, p. 275.
- (32) *Ibid.*